

# POLÍBIO ALVES: UM NOME, UMA HISTÓRIA

Roque Nunes da Cunha<sup>1</sup>, Ricardo Magalhães Bulhões<sup>2</sup>

[roque50cunha@gmail.com](mailto:roque50cunha@gmail.com), [ricardoufms1@gmail.com](mailto:ricardoufms1@gmail.com)

Instituto Federal de Mato Grosso do Sul

III Seminário de Pós-graduação do IFMS – SEMPOG IFMS 2023

**Resumo.** *Este trabalho é uma condensação do primeiro capítulo da tese intitulada O Centro e a Periferia na Poética e na Narrativa de Políbio Alves e busca apresentar a produção estética do escritor paraibano que foi tema do trabalho defendido em junho de 2021. Na tese, discutiu-se o conceito de centro e periferia na estética polibiana e este artigo tem como foco a divulgação dessa produção estética, tanto na poética, quanto na prosa de ficção, considerando as características peculiares do artista, bem como a inovação trazida pela linguagem utilizada, os temas abordados e a construção do espaço. Fruto de discussões e de uma orientação de qualidade, centra-se apenas no primeiro capítulo da tese fazendo um levantamento biográfico e bibliográfico do artista, além de abordagem sobre sua fortuna crítica, textos publicados em âmbito nacional e internacional e comentários críticos realizados sobre a obra. Também se intenta fazer um movimento de divulgação da obra do artista paraibano em outras regiões brasileiras, possibilitando que outros pesquisadores, estudantes e críticos possam conhecer a produção estética polibiana e as suas propostas literárias para a contemporaneidade.*

**Palavras-Chave.** *Políbio Alves; Estética; Bibliografia; Biografia; Divulgação.*

## 1. Introdução

Este artigo buscou condensar o primeiro capítulo da tese intitulada *O Centro e a Periferia na Poética e na Narrativa de Políbio Alves*, poeta e ficcionista paraibano com reconhecimento local e internacional, mas ainda pouco estudado no Brasil, de maneira que

---

<sup>1</sup> Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Campus de Três Lagoas. E-mail: roque50cunha@gmail.com

<sup>2</sup> Pós-Doutor em Literatura e Vida pela Universidade de Campinas/SP. Docente do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Campus de Três Lagoas. E-mail: ricardoufms1@gmail.com

possa servir como um vetor de divulgação da obra polibiana em outros estados brasileiros, como também incentivar outros pesquisadores a se aproximarem da obra desse artista.

O trabalho objetivou apresentar um resumo da vida do artista em três fases: a infância, a juventude e a maturidade, além dos trabalhos críticos já realizados sobre a sua obra, e a fortuna crítica existente, até o momento sobre o mesmo. Evidentemente, não se buscou trazer todo o primeiro capítulo da tese, tão somente uma leitura que intenta ser enxuta, mas reveladora sobre o artista e sua obra, e não abordando o ponto central da tese em si.

Dessa forma, pode-se acreditar que este texto, como instrumento de divulgação da obra do artista paraibano permite trazer para dentro da pesquisa acadêmica produções artísticas da contemporaneidade em que temas e assuntos que estão em voga na sociedade e vistos com um olhar crítico e profundo da construção literária possa contribuir para outros estudos relacionados a Políbio Alves.

## **2 Políbio Alves: um nome, uma história**

O estudo da produção estética de Políbio Alves baseou-se em uma premissa inicial sobre o modo como o artista construiu sua estética, observando-se uma estrutura arquetípica tendo o espaço como fator fundamental de produção. Córdula (2017), em sua Dissertação de Mestrado, fez uma pesquisa sobre o arquivo pessoal do escritor, pontuando como esses guardados ao longo do tempo influenciam a construção poética de Alves. Esse arquivo que, para Córdula, é uma ânsia do artista em preservar os rastros de sua atividade, também pode ser compreendido como uma necessidade de cantar a sua terra, seu mundo e seu espaço para a posteridade, como um registro pungente, afiado e com arestas pontiagudas filtradas por sua visão e disponibilizado ao leitor como fruição e compreensão do artista e da obra.

Considerar a produção estética de Alves dentro de uma proposta de ressignificação do conceito do espaço da periferia é um passo inicial possível, mas não único, de compreensão de sua temática literária, seja esta na poesia, seja na prosa. Ainda há que se falar do Políbio Alves professor, jornalista, colunista e funcionário público federal, atividades desenvolvidas no Rio de Janeiro/RJ. Todavia, esse aspecto da produção escrita não faz parte deste trabalho, pois se buscou apenas discutir a sua produção literária.

Na sua trajetória de vida é possível perceber um artista multifacetado e que, na senectude se completa e se complementa a partir da produção escrita e da tentativa de passar para o papel as diversas experiências de vida, as marcas da tortura, o processo formativo e a

inovação da linguagem, em que palavras, muitas vezes um adjetivo, um advérbio, ou uma interjeição possuem mais significados semânticos que uma oração, ou um período inteiro.

No espaço de comunicação propiciado pela obra escrita, os temas de seus livros possuem significados que, à primeira vista parecem deslocados, ou mesmo sem um nexo com o conteúdo da obra. A produção de Alves não é de fácil digestão, ou mesmo de compreensão em uma única leitura. É preciso situar-se no mesmo patamar do eu-poético e da voz narrativa, adentrar-se nos espaços apresentados na obra, compreender a evolução dos temas que se desenvolvem e ruminar cada palavra para dela tirar os significados precisos que o artista quis imprimir.

## 2.1 O menino do Varadouro

Natural de Cruz das Armas, bairro operário de João Pessoa/PB nasceu em 1941, convivendo com a miséria, a pobreza, as injustiças sociais e políticas de um país que, de acordo com seu hino, é “mãe gentil”, mas não levando em conta que essa gentileza é para poucos. Para a maioria é uma “madrasta” pouco lisonjeira.

Em depoimento ao jornalista Hélio Costa (2017) Alves declara que a primeira mestra de letras foi sua mãe, que encantava o menino Políbio com histórias de “Trancoso” e do “papa-figo”. Aprendeu as letras formais em uma escola de fundo de quintal com Dona Nice, professora primária. Assistia às aulas do lado de fora da sala, já que não estava matriculado. Era um ouvinte. No depoimento o artista contou que estava ouvindo as aulas da professora, quando foi pego pela mesma e disse que sabia ler e queria estudar com ela. Dona Nice, pegando o menino pelas orelhas levou-o para dentro, deu um livro e o desafiou a ler. Diz que leu ali, na presença de todos. Como castigo, dona Nice deixou o menino Políbio frequentar a sua biblioteca.

Dona Nice o apresentou aos livros, e alimentou o desejo do poeta que, desde cedo, desejava escrever, “para não morrer de silêncio”. Com dona Nice veio o vaticínio sobre o futuro dele e que dá título ao documentário do jornalista Hélio Costa: “Eis aí, o poeta”! Vaticínio que o marcou, o incentivou e o instigou a sempre ter uma “inquietação em relação ao mundo” (ALVES, 2003) e que só podia ser satisfeita a partir da escrita e da arte literária.

Alves descreve parte de sua infância no bairro do Varadouro na obra de mesmo nome (2001), como um espaço em que a pobreza, o trabalho duro, a prostituição, a homossexualidade conviviam com garotos de pé no chão, a luta pela sobrevivência, a

delinquência para garantir o pão daquele dia de vida. Tivesse Alves nascido um pouco mais ao sul, na “Bahia de Todos os Santos”, bem poderia ser um “capitão de areia”.

Recorda-se, ainda de dona Berta, prostituta e cafetina do Varadouro a quem chamou de “mãe dos pobres e intelectuais” de João Pessoa. Dona Berta era uma mulher singular na visão de Alves. Sua casa era dividida em duas partes. A parte da frente servia como um lupanar aonde homens de todas as classes iam à busca de sexo descompromissado, artistas não reconhecidos, intelectuais, estudantes e agitadores sociais em busca de um espaço para conversar, debater e espalhar as suas ideias.

Na parte dos fundos, dona Berta se transmutava na professora, na educadora que gratuitamente ensinava as primeiras letras para todas as crianças do Varadouro, filhos da periferia de João Pessoa que a “boa sociedade” e a estrutura estatal rejeitavam e vedavam a suas entradas nas escolas públicas para se aprender o essencial para a vida.

Conta, ainda que não precisasse a data, mas guardando o fato na mente de criança, a casa de dona Berta foi invadida pela força policial, alegando que, denúncias feitas a acusavam de “desvirtuar” e aliciar menores de idade para a prostituição, ou ainda para o lenocínio – de acordo com o Código Penal Brasileiro, o lenocínio é a exploração financeira da prostituição de outrem (BRASIL, 2003) -. O que a polícia encontrou foi um grupo de crianças com lápis e papel nas mãos, escrevendo as primeiras letras que dona Berta passava em um quadro negro portátil na sua casa.

## **2.2 O adolescente do Rio de Janeiro**

Em 1963, segundo informações dadas ao jornalista Hélio Costa (2017), Alves resolve partir para o Rio de Janeiro/RJ tentar a sorte. Com uma mala feita de papelão duro, dois pares de roupa, um sapato velho e o equivalente a vinte reais nos dias de hoje, desembarca em um grande centro urbano que, de acordo com o depoimento não se mostrou tão maravilhosa.

Tinha como endereço de referência a Rua Telho n.º 27, no bairro da Lapa, como espaço de aluguel de quarto para rapazes, ou quitinetes. No entanto, como um adolescente que não havia terminado o “segundo grau” – vamos assim chamá-lo por falta de um nome melhor -. Alves chegou ao Rio de Janeiro com o certificado de conclusão até o segundo ano dessa fase de ensino, sem ter terminado o ciclo completo.

O artista relembra que, após sua chegada, buscou moradia na casa do estudante no Rio de Janeiro, mas, havia um problema: ele não era estudante. Relata que conseguiu um espaço nessa casa, em que guardava a sua mala e dormia debaixo da escadaria. Conta, com certo ar

divertido, que só conseguiu ficar valendo-se da fama, ou má fama que todos os “Paraíba” tinham no Rio de Janeiro e no Sudeste como um todo.

“Paraíba” à época e até mesmo agora, era uma denominação genérica e pejorativa dada a todo nordestino que vinha para o “sul do país” em busca de trabalho e uma nova chance de recomeço de vida. No começo da década de 1960, além do termo carregado de preconceitos, era também associado à violência, ao andar sempre com a “peixeira” na cintura e ser homem bravo. Essa fama que o precedia permitiu a Alves permanecer na Casa do Estudante dormindo debaixo da escadaria.

O segundo problema foi com a alimentação. Alves, em depoimento a Hélio Costa (2019) declara que o único local em que se podia comer a baixo custo era o restaurante “Calabouço”, destinado a estudantes. Dificuldade não somente para ele, mas para outros “Paraíba” como ele. Não era estudante, então ficavam aguardando para comer depois que todos os estudantes se alimentassem. Resolvido esse problema passou a se dedicar, também, como forma de ganhar algum dinheiro, à educação, ou de professor preocupado com a instrução daqueles estudantes que abandonavam a escola por falta de condições financeiras e que faziam “biscates” por uns trocados.

Costa (2019) registra, a partir das memórias de Alves, o caso do estudante Edson Luís que fora seu aluno e que também frequentava o “Calabouço”. Esse cruzamento de caminhos, de pessoas e de vivências no mesmo espaço e tempo no Rio de Janeiro, daquilo que Aldir Blanc viria chamar de “anos de chumbo” teve por consequência duas tragédias: o assassinato de Edson Luís e a tortura de Políbio Alves.

### **2.3 Nos porões da Ditadura**

1968 é o ano que marca a história e a política brasileira de maneira indelével, cujas cicatrizes ainda estão presentes. Hélio Gaspari (2004) na sua obra investigativa sobre o período da ditadura no Brasil e que abrange de 1961 até 1985, em uma narrativa pontual revelou a gênese do fato que levou a 1968 e a apresentação da face mais cruel da ditadura, se é que há entendimento de que exista uma face da ditadura que não seja cruel.

As causas finais de 1968, segundo Gaspari (2004) foi o discurso do deputado Márcio Moreira Alves na Câmara dos Deputados no dia 25 de agosto, em que se comemora o “dia do Soldado”. Esse discurso provocou os quartéis, quando o deputado disse que as moças deveriam se recusar a dançar, ou mesmo a sair com os cadetes das escolas militares, em protesto contra a ditadura. O discurso em si não tinha importância, ou mesmo relevância,

fosse política, ou social. Porém, ainda reportando a Gaspari (2004) a chamada “Linha Dura”, nos quartéis, viu ali a oportunidade para a implantação de um regime “direto da caserna”. Arthur da Costa e Silva (1967-1969), então presidente da República viu nessa inquietação militar a chance para uma ditadura personalista e concentração de poder.

Segundo a narrativa de Gaspari (2004, p. 293), Costa de Silva “flutuava de maneira marota” entre a agitação nos quartéis e a agitação no congresso. Quando ele percebeu a oportunidade, solicitou ao Congresso Nacional autorização para processar Moreira Alves por causa de seu discurso. Até as pedras de Brasília sabiam que a autorização não seria concedida, e Costa e Silva também sabia disso. Com a negativa, na noite de sexta-feira, 13 de dezembro de 1968, um ano bissexto, o presidente fechou o Congresso Nacional, abriu processo contra Moreira Alves e decretou o Ato Institucional n.º 5 considerado até mesmo pelo vice-presidente Pedro Aleixo, uma aberração constitucional. E, Aleixo, viu no texto do ato a mão do jurista Francisco Campos, também conhecido como professor Chico Ciência. Aliás, Gaspari diz que todas as vezes que as luzes na mente de Francisco Campos se acendiam, ocorria um curto circuito nas instituições nacionais (GASPARI, 2004).

Na agitação pré Ato 5, como ficou conhecido, em 01//05/168, Alves foi preso pela Polícia do Exército e levado para o DOI-CODI (Destacamento de Operações e Informações – Centro de Informações e Defesa Interna) da rua Barão de Mesquita, no Rio de Janeiro. Conhecida apenas como a Delegacia da Barão de Mesquita, era comandada pelos coronéis Carlos Alberto Brilhante Ustra e Sebastião Ramos dos Santos, ou os doutores Tibiriçá e Luchini, também conhecido como Major Hermenegildo (RELATÓRIO BRASIL: NUNCA MAIS, 1985).

Alves contou que, ao chegar à delegacia foi levado a uma cela comum e ficou aguardando até a noite, quando foi conduzido para uma sala de azulejos brancos. Nessa sala tomou banho com mangueira de bombeiros. O artista descreve o lugar como sendo branco, muito iluminado, com pouca percepção auditiva do lado externo. Viu o espaço cheio de fezes pelo chão.

Quando fui preso colocaram um capuz preto na minha cabeça. De repente, as mãos espalmadas dos agressores, caíram em cima dos meus ouvidos, pondo-me de joelhos ao chão. Ainda assim, não evitavam que eu ouvisse com imperfeita pronúncia na articulação das palavras. Que se impunha ao seu forte sotaque estrangeiro. Creio que seja alguém que dominava a língua inglesa. Ali, bem próximo, outra voz de homem falando português começava a repetir as práticas mais perversas de tortura daquelas muitas vidas que foram por ele executadas. A confissão é de uma crueldade tão assombrosa, a tal ponto que se sobrepõe à de qualquer criatura humana. Porque quando penetra nos ouvidos ela é tão difícil de suportar que o coração se debate em violentos sobressaltos. É tão difícil de acreditar que dentro das paredes dos cárceres

um homem de outro país, de outro idioma, ou mesmo aquele outro homem à paisana, talvez fosse meu conterrâneo, e estivesse afônico ao renovar com entusiasmo na voz, os métodos e as práticas da violência onde a ditadura se projetou (ALVES, 2017, p. 39)

A descrição de sua prisão, tortura e sequelas decorrentes da mesma encontra-se, como pode ser observado acima, na obra *A Leste dos Homens* (2017), em que Alves, ao trazer para o texto literário os movimentos de resistência social, em João Pessoa, ao golpe de 1964, também faz um resgate da própria memória, sobre a sua passagem pelos “porões da ditadura”. A narrativa apresenta, em tom confessional, como o espaço das prisões era estruturado para “quebrar” o moral, reduzir o ser humano a um objeto, despersonalizar e maltratar. Vai além e descreve os diálogos dos torturadores, que se gabam dos tipos de suplícios infringidos e como esse suplício revela duas situações: a face perversa do ser humano que se coloca em posição de provocar dor, e a face destruída daquele em que se aplica a tortura.

Ao narrar o processo de tortura, Alves busca penetrar no íntimo do ser humano e, a partir de uma linguagem precisa, quase desprovida de metáforizações, traz à luz da narrativa a guerra interior entre a dignidade e a “coisificação” do ser humano promovido por outros seres humanos. Pode-se dizer que Alves, ao descrever a tortura como um processo, não somente físico, mas também moral e espiritual quer demonstrar como a maldade assume facetas e amolda o caráter do ser humano, encontrando guarida nesses nichos de deformação do caráter e do conceito de humanidade, em que pessoas de diferentes nacionalidades podem ser motivados pelo mesmo sentimento de poder sobre o outro. Poder para infligir dor, deixar viver, ou matar.

## 2.4 A obra Polibiana

A criação estética polibiana se divide em duas vertentes: a prosa de ficção e a poesia, integradas em uma ação que Elizabeth Marinheiro (2003), chamou “de processo de criação ativa que une elementos do sublime, do épico, do cotidiano e da heroicidade do homem nordestino” (COSTA, 2003, 26’33”).

Elizabeth Marinheiro e Roselis Batista Ralle podem ser consideradas as duas maiores divulgadoras da obra polibiana no exterior, principalmente na França, Itália, Espanha, México, Argentina e Cuba. Nesse último país, considerado o livro *Varadouro* – edição de 1991 -, faz parte do acervo da Casa das Américas, levada por Marinheiro e selecionada por ser representativa da literatura americana que deve ser preservada.

Na produção polibiana aponta-se as seguintes obras:

- Na Poesia:

a) Varadouro (2011)<sup>3</sup> – obra inaugural do artista e que ele mesmo a chamou de “obra singular”, dado ao modo como ela veio ao mundo, financiada pelo próprio artista. Varadouro traz para o mundo das artes e das formas de letras o espaço que se movimenta às margens do rio Sanhauá no bairro do Varadouro que foi o antigo centro de João Pessoa onde o poeta passou parte de sua infância convivendo, com “capitães de areia”, de todo um mundo rejeitado pela “boa” sociedade pessoana;

b) La Habana Vieja (2015) – um poema épico em que a voz poética declara todo o seu amor à cidade de Havana, em Cuba, ao mesmo tempo em que a cidade mira, com olhos curiosos, para esse nordestino de pele queimada que procura descobrir os seus segredos e que, mesmo maltratada pelas mãos dos homens, insiste em se apresentar de forma meiga, hospitaleira em suas ruas, vielas, prédios em estilo clássico e moderno. *La Habana Vieja* é um libelo contra a violência praticada de fora sobre um espaço que se dobra sobre si e teima em ser “do contra” por ter experimentado um sabor de liberdade nunca antes visto. *La Habana Vieja* também é um retrospecto histórico da construção da sociedade cubana, tendo nos seus casarões coloniais, nas suas casas, nos seus espaços públicos e privados, um fragmento da história do povo cubano.

c) Acendedor de Relâmpagos (2018) – poema épico em que o olhar do eu-poético conta a história de Antônio Lavrador e sua luta pelo direito a terra, à justiça social e à paz dos justos. Num misto de narrativa romanesca e poemas sem métrica que a engesse, Alves conta a história dessa personagem, com a mesma vibração dos poemas homéricos e com a mesma vitalidade de se buscar algo que está para além do simples olhar mortal. Acendedor de Relâmpagos é o que se pode chamar de libelo pela liberdade e pela libertação do homem explorado por outros, pelo direito a terra e à vida tendo como pano de fundo a árida visão da caatinga.

d) Os Objetos Indomáveis (2013) – livro de poemas introspectivos em que Alves buscou dar vazão a um monólogo interior, apenas sussurrado, pois as palavras são ditas para dentro, isto é, do íntimo para o próprio ser. Nesse monologar intimista pode-se perceber a abertura de um espaço para a recuperação da memória, do período em que, quando criança vagava pelas margens do Sanhauá e se deparava com toda sorte de pessoas e todo um universo de formas e tipos que serão estudadas mais tarde neste trabalho.

---

<sup>3</sup> As datas apresentadas entre parênteses ao lado do título da obra são referentes à edição que o autor da tese possui e não à data de lançamento de sua primeira edição.



e) *Passagem Branca* (2005) – possivelmente uma das obras poéticas mais densas e complexas de Alves, *Passagem Branca* é e faz exatamente aquilo que seu título não diz. *Passagem Branca* é a fixação memória que se debate com a tentativa de seu apagamento, cria atritos e tensões presentes na forma de construção dos poemas e na latência visual de organização das estrofes e dos versos.

f) *Exercício Lúdico: invenções & armadilhas* (1991) – tal qual o nome diz, esse livro de poemas é uma brincadeira com trocadilhos, sinestésias, aliterações e assonância das palavras com o intuito de dar significados diferentes ao escrito, ao mesmo tempo em que apresenta o ser humano despido de sua moralidade, ou falta de moralidade. Sexo, homossexualidade, prostituição, escatologia, violência, desejos, dependência e embriaguez dão a tônica para a obra. As armadilhas estão justamente na sensação explicitada pela palavra, de que o exercício literário é a única segurança em um mundo caótico e hipócrita;

- Na Prosa:

a) *A Leste dos Homens* (2017) – pode ser considerada como uma obra de ficção/realidade em que o artista utiliza a bricolagem e a fusão da realidade com a fantasia a fim de trazer para o papel a memória do período ditatorial, principalmente após 1968 quando o país inaugura uma ditadura que não tem vergonha de ser chamada de ditadura. *A Leste dos Homens* é um lembrete que, para o leste, considerada a posição do país só se encontra ditaduras de extrema direita que mata, esmaga e tortura os homens, buscando apagar, da memória de suas vítimas, a existência desses regimes brutais.

b) *O Que Resta dos Mortos* (2003) – romance em que Alves busca a efetivação de um exercício de fluxo de consciência e monólogo intimista, e traz para o plano poético as visões, as percepções e as memórias de um tempo passado. *O Que Resta dos Mortos*, ao contrário do que se pensa não fala sobre a finitude do pensamento, do querer, do agir, mas o que restou é aquilo que vive e que valeu a pena ser vivido, pois esse é o legado que não pode ser abatido por ninguém vindo de fora;

c) *Os Ratos Amestrados Fazem Acrobacias ao Amanhecer* (2015) – livro de contos em que o artista se utiliza de uma estratégia narrativa que, por falta de melhor classificação pode ser chamado de “narrativa agônica”. *Os Ratos Amestrados fazem acrobacias ao amanhecer* converge diferentes espaços de ação e de narrativa, indo do simplório ao sublime, do cotidiano ao épico. Com um poder de persuasão que lembra os textos de Pound (1936), é uma obra que, segundo Campato Junior (2015) não é fácil de ser lida e compreendida em toda a sua extensão, mas é um exercício estético muito gratificante.

d) Outono: memorial da escritura (no prelo, 2022) – Trata-se de obra densa em que Alves mistura memória, descrição espacial do Varadouro, e uma proposta estética ousada para a construção de uma “filosofia literária” que penetra no âmago da arte de escrever, dos motivos e das temáticas da escrita.

## 2.5 Fortuna Crítica

A fortuna crítica relativa à produção estética de Alves é, em parte, reduzida, ou ainda não despertou curiosidade nos grandes centros urbanos do Brasil, apesar do reconhecimento internacional do escritor. Elizabete Marinheiro (2003) pode ser considerada como a primeira estudiosa a divulgar e analisar a obra polibiana. Na série de crônicas e entrevistas, originalmente denominada *Tessituras*, Marinheiro descreve a obra polibiana como “sublime”, “épica”, sem deixar de ser local e próximo de sua realidade. Nessas crônicas, Marinheiro dedica-se ao estudo e divulgação da poética de Alves, no espaço de sua realização: as ruas do Varadouro, a memória, o espaço e as lembranças trazidas por esse bairro.

Na obra *Exercício Lúdico: invenções e narrativas*, (1991), Mário Hélio, poeta, pesquisador e colaborador do CEPE/PB faz uma crítica analítica desses *Exercícios*, considerando-os como um texto “muito fenomenológico” (1991, p. 07), ou seja, um exercício filosófico a respeito do discurso intimista e objetivado das “coisas em si”, ou da imersão na “coisa em si”.

Para Mário Hélio, *Exercício Lúdico: invenções & narrativas* (1991), é uma atividade de leitura em que o psicologismo, a filosofia e as digressões sobre o humano estão presentes na dualidade das formas e figuras: amor, ódio, solidão, companheirismo, medo, alegria, tristeza, dor, são temas recorrentes, mas não expostos ao mundo, apresentados de forma interna, não interior, das contradições humanas que busca um equilíbrio dentro desse mundo caótico.

Molina Ribeiro (2010) com o livro *O Ofício de Escrever e outras vertentes* que a mesma classifica como “um diálogo com Políbio Alves, de caráter investigativo e jornalístico buscou compreender o homem transformado pela ditadura, e como esse período influenciou a sua produção estética. Pode-se dizer que as questões colocadas por Ribeiro para a resposta do escritor são, em grande parte, incômodas, já que busca reconstruir uma trajetória histórica e memorialística do escrito de Varadouro.

Em Varadouro, Azevedo (2019) percebe-se que o analista provoca o leitor a buscar essas respostas dentro da própria obra, ou na fruição da obra. E, de maneira sub-reptícia dá, ao

provável leitor, uma chave para a leitura proveitosa de Alves: leia a obra como se você fosse as águas do Varadouro; mansa, devagar, silenciosa e persistente.

João Adalberto Campato Junior (2013) em estudo sobre a obra *Os objetos Indomáveis*, de Alves, faz uma análise rica sobre o poema que se encontra na obra *Poesia Jovem dos anos 70*, apontando, nesse poema, a força lírica e inovadora do escritor d'*Os Objetos Indomáveis*. Esse texto crítico de Campato Júnior também aparece no prefácio da obra Alves, publicado no mesmo ano de 2013.

O texto *Políbio Alves: estilo e poesia em Os Objetos Indomáveis*<sup>4</sup> é uma fonte considerável para o leitor de Alves, uma vez que Campato Junior faz pontuações minuciosas sobre a alegoria, a semântica e as metáforas polibianas que auxiliam, de certa forma, a leitura, sem deixar a surpresa da novidade, os impactos e as descobertas lírica deixadas no texto.

A dissertação de Mestrado de Ana Claudia Cruz Córdula<sup>5</sup> apresentada na Universidade Federal da Paraíba, em João Pessoa em 2015 buscou compreender a estética polibiana a partir da reconstrução da memória e das lembranças da vida, não pelo discurso, ou mesmo pela produção literária, mas sim pela análise do arquivo pessoal do artista.

O trabalho de Córdula (2015) buscou um viés inovador de análise da obra literária e procurou compreender o homem e o artista de maneira quase memorialista, procurou entender como a produção artística é feita tendo como repositório seus guardados em arquivos. Diga-se de passagem, que Córdula aponta ser Alves um colecionador de obras de arte, objetos folclóricos, recortes de jornais, revistas, manuscritos, fotografias, cartazes, memoráveis, artesanato.

Na obra *Vidas Desarquivadas*, livro organizado por Bernardina Maria Juvenal Freire, Maria Nilza Barbosa da Rocha e Ana Cláudia Cruz Córdula, o capítulo “Revelando a Arte no Escritor: arquivo pessoal de Políbio Alves”, de autoria de Córdula e Freire, há uma retomada analítica que liga o ato de escrever, ao de arquivar, guardar e preservar objetos e memoráveis como fonte de inspiração na produção literária já que:

Para Políbio Alves, o ato de arquivar nasce da necessidade de preservar os rastros de sua atividade. No caso em estudo, a intencionalidade do titular se evidencia a partir da preocupação em organizar, ao seu modo, seus documentos, no seu apartamento-arquivo e, neste caso, entendemos que esta ação intencional potencializa o conjunto documental em sua perspectiva memorialística. Ele reúne no baú de suas memórias vestígios de um tempo vivido, e esse tempo é um tecido invisível onde se podem bordar os acontecimentos. O tecido do tempo vivido pelo escritor nos permite ter acesso a um novo tecido, através dos nossos escritos, admitido pelos ditos e não

<sup>4</sup> Disponível em: <https://uniesp.edu.br/sites/biblioteca/revistas/20191226151712.pdf>. Acesso em 10/02/2023

<sup>5</sup> Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/11601>. Acesso em 04/04/2023

ditos, nas entrelinhas de seu acervo pessoal, refletindo a sua trajetória, pelo viés autobiográfico. Ao acessarmos o seu arquivo, aproximamo-nos de um homem que se revela além de um intelectual, munido por uma produção ampla, um amante da arte (CÓRDULA; FREIRE, 2019, p. 124).

A busca pelo homem por trás do escrito, no texto de Córdula e Freire mergulha no que elas denominam de tecido invisível de construção poética formada pela organização do arquivo e da memória, conjecturando a possibilidade da base do texto literário de Alves ser fruto desse acervo arquivado.

Alves também figura em anais de palestras publicada pela Universidade de Champagne-Ardenne de 2019 e apresenta a sua criação estética como “*une rumination amoureuse avec l’auteur*”, ou, uma ruminação amorosa sobre si mesmo, ou sobre o autor. Nesse texto Alves descreve sua dinâmica criativa como um processo de ruminação não somente do texto, ou do enredo, mas da palavra em si. Descreve o seu ato de escrever como “*um enchantements des mots que j’épouvais lors de la construction de phrases*”(2019, p. 245). Esse encantamento de modos, de provar a movimentação da construção de frases que levam à construção do texto e, a partir daí, a construção do enredo.

Os anais, coordenado pelo professor Alain Trouvé (2019), traz diversos artistas, de diversas nacionalidades, permitem perceber como cada um desses artistas compreende o processo estético da criação. Na visão polibiana, esse processo, ou inquietação é revelada a partir de uma questão de fundo que pode ser chamada de *leitmotiv* do processo de criação. Diz o artista: “*je ne sais pourquoi – continue à me hanter*”, isto é, apesar do artista não saber o motivo, esse motivo criador continua a provocá-lo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A visão condensada do primeiro capítulo daquela tese e que se expõe de maneira resumida neste trabalho focou na apresentação do artista, da obra e da crítica existente sobre a mesma. Como não poderia deixar de ser, não se trouxe todos os aspectos da vida do homem, ou mesmo do artista devido à limitação de espaço para a escrita. No entanto, compreende-se que este condensado pode despertar em um possível leitor o interesse e a curiosidade sobre a produção estética polibiana.

O apanhando que se fez sobre Políbio Alves e a sua produção estética apontou para uma perspectiva de memória e de espacialidade do texto e como essa perspectiva influenciaram de maneira decisiva a sua estética. O espaço percebido, os temas abordados e as análises feitas, seja pelo artista e mesmo por seus estudiosos levam ao reconhecimento de sua

importância na criação literária, como também na validade de suas abordagens sobre diversos temas que são discutidos em sua obra.

Como um sobrevivente do período ditatorial que o Brasil viveu entre 1964 e 1985 gabaritam Políbio Alves a, no resgate da memória, na construção espacial dessa memória, demonstrar um período histórico ainda pouco compreendido, pouco debatido e pouco enfrentando pela sociedade com maior idade. Políbio Alves, na sua produção estética, a respeito do período ditatorial clama para que as pessoas façam uma reflexão sincera sobre aquele período, exponham todos os esqueletos em praça pública – sejam esqueletos da direita, ou da esquerda -, como único caminho para a superação e cura das feridas que ainda machucam a nação.

Enquanto esse momento não chega, Alves se utiliza de uma estética poética vibrante, aguda e cortante, recorrendo à literatura e à poética como um abrigo seguro e protegido contra as novas radicalizações que estão sendo construídas na contemporaneidade.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Políbio. **A leste dos Homens**. Rio de Janeiro. Inverta. 2017

ALVES, Políbio. **Os Ratos Amestrados Fazem Acrobacias ao Amanhecer**. João Pessoa. Mídia Gráfica. Editora. 2015

ALVES, Políbio. **O que resta dos Mortos**. Editora UFPB. João Pessoa. 2003

ALVES, Políbio. **Os Objetos Indomáveis**. João Pessoa. Mídia Gráfica. PB. 2013

ALVES, Políbio. **Exercício Lúdico: invenções & armadilhas**. João Pessoa. Editora Ideia LTDA. PB. 1991

ALVES, Políbio. **Acendedor de Relâmpagos**. Cajazeiras. Editora Arribaça. PB. 2018

ALVES, Políbio. **Varadouro**. João Pessoa. 4.<sup>a</sup> Edição Editora Universitária. UFPB. 2011

ALVES, Políbio. **Os Ratos Amestrados Fazem Acrobacias ao Amanhecer**. Mídia Gráfica Editora. João Pessoa. PB. 2015

ALVES, Políbio. **La Habana Vieja: olhos de ser ver**. João Pessoa. Edição Editora Universitária. UFPB. 2015

ALVES, Políbio. **Outono: escritura da memória**. (no prelo). Documento impresso gentilmente cedido pelo autor

BRASIL. **Relatório Brasil: nunca mais.** Arquidiocese de São Paulo. Tomo I vol. V. 1985

CAMPATO JUNIOR, João Adalberto. **Políbio Alves: estilo e poesia em Os Objetos Indomáveis.** Disponível em:

[https://uniesp.edu.br/sites/\\_biblioteca/revistas/20191226151712.pdf](https://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20191226151712.pdf). Acesso em 19/12/2022

CÓRDULA, Ana Claudia C. **Políbio Alves entre Contos e Encantos: o fascínio do vivido na perspectiva da escrita de si.** Dissertação (Mestrado em Arquivologia). João Pessoa, UFPB. 2015. 262 folhas

COSTA, Hélio. **1968: anos de chumbo da Ditadura Militar – Políbio Alves.** Documentário sobre a Vida de Políbio Alves no tempo da Ditadura. Em DVD. João Pessoa. PB. 2019

COSTA, Hélio. **Políbio Alves: eis o poeta.** Documentário. João Pessoa. PB. 2017

GASPARI, Hélio. **A Ditadura Envergonhada.** Rio de Janeiro. Globo. 2004

RIBEIRO, Molina. **O Ofício de Escrever e Outras Vertentes.** João Pessoa. Conselho Estadual de Cultura. PB. 2010

OLIVEIRA, Bernardina Maria J. F. de. ROSA, Maria Nilza B. CÓRDULA, Ana Cláudia C. **Vidas Desarquivadas memórias que narram os arquivos pessoais.** João Pessoa. Editora UFPB. UFPB. 2019